COLÓQUIO Letras

REVISTA QUADRIMESTRAL

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Lourenço (PRESIDENTE)
Ana Paula Tavares (ANGOLA)
Carlos Mendes de Sousa (UNIVERSIDADE DO MINHO)
Cleonice Berardinelli (PUC – BRASIL)
Germano Almeida (CABO VERDE)
Gilda Santos (UFRJ – BRASIL)
Helder Macedo (KING'S COLLEGE – LONDRES)
Ida Ferreira Alves (UFF-BRASIL)
José Manuel da Costa Esteves (UNIV. PARIS NANTERRE LA DÉFENSE)
Laura Cavalcante Padilha (UFF-BRASIL)
Leyla Perrone Moisés (USP-BRASIL)
Luís Bernardo Honwana (MOÇAMBIQUE)
Maria Andresen de Sousa Tavares (UNIVERSIDADE DE LISBOA)
Maria João Reynaud (UNIVERSIDADE DO PORTO)
Osvaldo Manuel Silvestre (UNIVERSIDADE DE COIMBRA)
Rita Marnoto

DIRETOR
Nuno Júdice

APOIO À DIREÇÃO
Ana Marques Gastão

APOIO EDITORIAL
Maria Filipe Ramos Rosa

Número avulso – 13 €

Assinatura anual (3 números)
36 € – Portugal
40 € – Especial*
55 € – União Europeia
65 € – Resto do Mundo

Os preços para Portugal incluem o IVA.
* Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe e Timor-Leste

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Fundação Calouste Gulbenkian
Avenida de Berna, 45 – 1067-001 LISBOA
Tel.: 21 782 35 67
E-mail: coloquioletras@gulbenkian.pt
www.coloquio.gulbenkian.pt

ASSINATURAS
Vendas – Fundação Calouste Gulbenkian
Avenida de Berna, 45 – 1067-001 LISBOA
Tel: 21 782 32 92 / vendas@gulbenkian.pt

DESIGN Overshoot Design

CAPA Overshoot Design
(a partir de obras de Sara Maia)

IMPRESSÃO Greca Artes Gráficas

ESTATUTO EDITORIAL
Disponível em coloquio.gulbenkian/contactos/

SUMÁRIO

ANTÓNIO LOBO ANTUNES

9 Crítica do sacrifício e refundação da «catharsis» em 'Os Cus de Judas'
Inès Cazalas

20 A visita da tia Teresa: experiência da guerra colonial e resiliência pela escrita em 'Os Cus de Judas'
Felipe Cammaert

32 Lógicas do mal em António Lobo Antunes
Sérgio Guimarães de Sousa

43 A deriva dos afetos
Evelyn Blaut Fernandes

54 O trabalho com as pedras
Eunice Ribeiro

DOCUMENTO

73 'La lamentable pérdida del rey don Sebastián y del reino de Portugal' de Jerónimo Corte-Real
edição crítica de José Miguel Martínez Torrejón

POESIA

149 *Jorge Velhote*

NOTAS & COMENTÁRIOS

155 António Vieira: uma vida feita palavra
Acílio da Silva Estanqueiro Rocha

164 Ética e política na obra de Agustina
Maria Luísa Malato

171 Ritual de aproximação: 'Cerimónias' de Maria Filomena Molder
Bruno C. Duarte

176 Invisível, fabuloso, inefável no primeiro romance de Rui Lage
Maria Alzira Seixo

181 Hibridação e transnacionalidade na literatura moçambicana
Vanessa Riambau Pinheiro

191 Portugal en la obra de García Montero

RECENSÕES CRÍTICAS

LITERATURA PORTUGUESA

POESIA

213 *Poesia*, Mário-Henrique Leiria
RICARDO MARQUES

215 *Obra Poética I*, António Ramos Rosa
HELENA CARVALHO

218 *Estranhezas*, Maria Teresa Horta
MARGARIDA VALE DE GATO

221 *Fiat Lux*, Eduarda Chiote
HUGO PINTO SANTOS

224 *Trade Mark*, A. M. Pires Cabral
MIGUEL MARTINS

226 *Diálogos Marados & Um Maluco Vem Pousar-Me na Mão*, Rui Caeiro
JOÃO OLIVEIRA DUARTE

229 *Coreografando Melodias no Rumor das Imagens*, Mário Avelar
ANTONIO SÁEZ DELGADO

231 *Aprender a Cantar na Era do Karaoke*, Fernando Luís Sampaio
JOSÉ MANUEL DE VASCONCELOS

234 *A Noite Que Nenhuma Mão Alcança*, Carlos Lopes Pires
MANUEL FRIAS MARTINS

236 *Agon*, Luís Quintais
DEYSE DOS SANTOS MOREIRA

238 *Um Passo sobre a Terra*, Vasco Gato
MIGUEL MARTINS

FICÇÃO

241 *A Tragédia da Rua das Flores*, Eça de Queirós, ed. João Medina e A. Campos Matos
MARIE-HÉLÈNE PIWNIK

242 *A Última Porta antes da Noite*, António Lobo Antunes
MARIA DA CONCEIÇÃO CALEIRO

245 *Um Bailarino na Batalha*, Hélia Correia
MARIA ETELVINA DOS SANTOS

249 *Cinco Meninos, Cinco Ratos*, Gonçalo M. Tavares
MARIA DA CONCEIÇÃO CALEIRO

253 *A Nossa Alegria Chegou*, Alexandra Lucas Coelho
INÊS BELEZA BARREIROS

256 *Apaga Tudo não Esqueças Nada*, Lisa Santos Silva
EGÍDIA SOUTO

258 *A Imortal da Graça*, Filipe Homem Fonseca
MIGUEL MARTINS

MEMÓRIAS

262 *Memórias de Um Estrangeirado*, João Medina
ÁLVARO MANUEL MACHADO

DICIONÁRIO

265 *Dicionário de Estudos Narrativos*, Carlos Reis

EPISTOLOGRAFIA

268 *Um Rio à beira do Rio*, Mário Cesariny, ed. Maria Etelvina Santos e Perfecto E. Cuadrado
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

ENSAIO

271 *Portugal Futurista e Outras Publicações Periódicas de 1917*, coord. Ricardo Marques
MIGUEL MARTINS

273 *Education and the Boarding School*, Filipe Delfim Santos
KENNETH DAVID JACKSON

275 *Margens*, Maria João Reynaud
ÁLVARO MANUEL MACHADO

278 *Dia Alegre, Dia Pensante, Dias Fatais*, Maria Filomena Molder
JOÃO PEDRO CACHOPO

LITERATURA MOÇAMBICANA

FICÇÃO

281 *O Bebedor de Horizontes*, Mia Couto
PIERRETTE E GÉRARD CHALENDAR

LITERATURA ANGOLANA

POESIA

284 *Há Gente em Casa*, Ondjaki
PIERRETTE E GÉRARD CHALENDAR

AGRADECIMENTOS: A Sara Maia pela autorização gentilmente concedida para reprodução das suas

EPISTOLOGRAFIA

Mário Cesariny
UM RIO À BEIRA DO RIO
CARTAS PARA FRIDA E LAURENS VANCREVEL
Ed. Maria Etelvina Santos e Perfecto E. Cuadrado
Apres., trad. e notas Maria Etelvina Santos
Posf. e comentários Laurens Vancrevel
Lisboa/Famalicão, Documenta/Fundação Cupertino de Miranda / 2017

As quase 150 cartas de Mário Cesariny para o poeta neerlandês Laurens Vancrevel e sua esposa Frida de Jong, escritas entre Maio de 1969 e Março de 2005, foram reunidas em livro no final de 2017. Estavam já publicadas as cartas que o autor de *Pena Capital* escreveu para Vieira da Silva e Arpad Szenes, para a casa de Pascoaes (João e Maria Amélia Vasconcelos), para Cruzeiro Seixas e para Alberto de Lacerda. São peças do maior significado para se perceberem os bastidores da obra, para se recolherem dados factuais sobre a biografia do autor que doutro modo acabariam no esquecimento e até para se entrar na sua criação, pois nele a carta foi uma área de sobressalto linguístico, em que afirmou com os interlocutores o primado do poético sobre qualquer outro princípio. Para quem escreveu um dia que não valia a pena gastar dinheiro em selos, a surpresa é grande. Cesariny mostra-se um dos grandes apaixonados da carta postal escrita e enviada por mala-posta e os seus volumes de correspondência têm-se sucedido a bom ritmo desde 2012.

O novo epistolário é um livro comovente, que testemunha uma amizade ardente e próxima, construída ao longo de mais de três décadas e meia e a que nem a morte do remetente pôs fim, como prova o saudoso posfácio que Laurens juntou à ocasional em 1969 do livro *A Intervenção Surrealista* (1966), de Cesariny, Laurens, entusiasmado pela leitura, sem qualquer referência do autor, escreveu de imediato para a editora lisboeta responsável pela edição, a Ulisseia, recebendo na volta do correio a fraterna resposta do português. Laurens era então um jovem poeta de 28 anos e Cesariny um experiente «prestidigitador» de 46. A ligação aprofundar-se-á com vindas sucessivas de Laurens e de Frida a Portugal — a primeira em Junho de 1970 — e idas de Cesariny a Amesterdão, onde se viu traduzido pelos bons ofícios de Laurens, director literário entre 1972 e 2000 duma editora holandesa, Meulenhoff. A derradeira carta de Cesariny aos Vancrevel — o nome civil da família é Van Krevelen — é documento tocante, a testemunhar a exaltante amizade que neste livro se exara. Datada de 2 de Março de 2005, será das últimas que Cesariny escreveu pelo seu punho. Confessa aí: «a minha mão direita já não quer nada com as escritas. É com um esforço muito violento que acabo por conseguir» (443).

Este conjunto de 149 cartas não tem porém apenas um comovente lado pessoal. É também uma fonte inestimável de informação para conhecer o surrealismo português e a sua evolução a partir do final da década de 1960. Este foi quase ignorado em termos internacionais até à segunda metade dessa década. André Breton, que em 1947 esteve em Paris com António Dacosta, Cândido Costa Pinto e Cesariny, assinando os primeiros a declaração «Rupture inaugurale» (Junho), não referiu sequer a existência do Grupo Surrealista de Lisboa nas «Ephémérides surréalistes (1916-1955)»[1] — isto em 1955, no momento da reedição conjunta dos *manifestos*. Sete anos depois, na actualização das efemérides[2], voltou a ignorar qualquer gou do Brasil, em 1967, já após a morte de Breton, com a exposição surrealista de São Paulo, ao cuidado de Sergio Lima e Leila Ferraz. António Maria Lisboa, Cesariny, Cruzeiro Seixas, Mário-Henrique Leiria, Pedro Oom e António José Forte participaram então pela primeira vez numa mostra surrealista internacional, aparecendo lado a lado com o grupo de Paris, que publicava a revista *L'Archibras* e continuava a ser o eixo em torno do qual gravitavam as acções internacionais.

A ligação de Laurens e Cesariny acabará por se mostrar decisiva para a evolução deste primeiro sinal. Laurens e o grupo holandês que editava a revista *Brumes Blondes* e seguia de perto as actividades do grupo de Paris tomara em Abril de 1969 a decisão de se desvincular das posições do grupo francês, sacudido então por uma grave crise interna, que culminou com o seu colapso, o fim da revista *L'Archibras*, que ainda em Maio/Junho do ano anterior tivera grande visibilidade nos levantamentos parisienses, e com a declaração de Jean Schuster, testamentário de Breton, no jornal *Le Monde* (4/10/1969), dissolvendo o «surrealismo histórico». O grupo que editava a revista *Brumes Blondes* recusou seguir a dissolução e assumiu um papel activo de ligação internacional, que uma parte do ex-grupo francês, reunido à volta de Jean-Louis Bédouin e Vincent Bounoure, seguiu, sem pretensão já de hegemonia.

Cesariny pôde então, através de Laurens, tomar contacto com uma parte dos núcleos surrealistas então activos no mundo e que quase desconhecia. Primeiro, o grupo checo, com um longo historial que remontava à primeira metade da década de 1930 e que ainda na Primavera de 1968 organizara em Praga com o grupo de Paris uma ram em Paris e Bruxelas, aí prosseguindo as suas acções. Daí as relações de Cesariny com Arnošt Budík, que se prolongarão alguns anos e cujo início se detecta nestas cartas a partir de 1970/71. Em segundo lugar, Édouard Jaguer, que entrara nas acções do grupo de Paris, fora próximo de André Breton, tinha uma revista sua desde 1954, *Phases*, e continuava a animar um trabalho internacional de ligação com os núcleos surrealistas dispersos, realizando exposições em vários pontos do mundo. Graças a Laurens, os contactos entre Cesariny e Jaguer arrancaram no final de 1971 (primeira alusão na carta de Março de 1972), dando origem à publicação na revista *Phases* (s. II, n.º 4, 1973) do marcante texto historiográfico de Cesariny «Para Uma Cronologia do Surrealismo em Português» em tradução francesa de Isabel Meyrelles. Depois, os contactos com John Lyle (carta de Outubro de 1970), editor da revista inglesa *Surrealist Transforma(c)tion* (1970-1977), que permitiram a Cesariny, ele que estivera em Londres embora com intermitências (1964-1969), ter notícia directa do principal organizador da exposição surrealista de 67, «The Enchanted Domain». Por fim, a sólida ponte Lisboa-Chicago, entre Cesariny e os Rosemont, que estavam activíssimos nos Estados Unidos desde 1966 e haviam começado a editar uma revista, *Arsenal*, na qual Cesariny colaborará em 1976. Foram eles os organizadores da exposição internacional «Marvelous Freedom Vigilance of Desire» (Maio/Junho, 1976) em que Cesariny, apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, compareceu, aí encontrando E. F. Granell, Philip Lamantia, Nancy Joyce Peters e outros. Algumas destas cartas dão agora notícia da exposição, das acções que nela tiveram lugar, do encontro com Granell (carta de

Deste vasto diálogo que a partir de 1970 Cesariny empreendeu graças a Laurens um pouco por todo o mundo, em geral com gente bastante mais nova que ele, como os Rosemont, que haviam nascido já na década de 1940, resultou uma colectânea muito informada, *Textos de Afirmação e de Combate do Movimento Surrealista Mundial* (1977), que é porventura a melhor panorâmica que hoje temos do surrealismo das décadas de 1960/70, dando ao seu autor um estatuto invulgar e sumamente respeitado no meio surrealista internacional da época. Entre 1947, ano da adesão de Cesariny ao surrealismo, e 1977 tinham corrido três demoradas décadas e o jovem entusiasta de 24 anos que fora a Paris à procura de André Breton tornara-se trinta anos após num prestigiado senhor de cabelos brancos, que nos fóruns mundiais do surrealismo era tido como um dos principais motores da permanência do movimento. Há copiosas alusões ao livro de 1977 na correspondência para Laurens, logo a partir da carta de 8/5/1975, o que transforma este conjunto num precioso elemento de conhecimento da construção do livro. Na carta de Agosto de 1976, a mesma em que relata o seu encontro com Granell nos Estados Unidos, Cesariny caracteriza-o assim: «Este meu livro é uma espécie de livro ecuménico sobre o surrealismo, das origens até aos nossos dias, desde a torrente Dadá e o primeiro manifesto até à exposição de Chicago» (178). Peça a destacar deste ponto de vista é a carta de Novembro de 1977 escrita sobre provas impressas do índice, porventura no momento da impressão tipográfica do livro, e onde se vê a indicação da colaboração de Vancrevel assinalada com um boneco de Cesariny.

Uma última palavra para o trabalho de Maria Etelvina Santos, que deixa no posfácio e nos comentários finais indicações preciosas sobre as acções, as publicações e as figuras referenciadas. Com as notas de rodapé que Maria Etelvina juntou às cartas, temos assim um bom acervo de informações que iluminam o contexto cultural específico destes envios ao longo de 36 anos — se bem que, das 149 peças aqui dadas a lume, 135 digam respeito ao período que vai de 1969 a 1990 e apenas 14 aos 15 anos finais. A única dúvida prende-se com a tradução das cartas. Das 149, apenas 24 foram escritas em português; as restantes 125 foram-no em francês, com pontual intervenção do castelhano e do inglês. Entendemos a opção pela tradução mas lamentamos que a língua em que Cesariny escreveu se tenha aqui perdido. Quando se tratou de editar a correspondência com Vieira da Silva e Arpad Szenes, a opção dos responsáveis foi restituir as cartas em francês. Surgiu assim uma língua curiosíssima, que brilha com vigor e turbulência. Cesariny bebeu o francês no leite materno — a mãe dava lições de francês — e no seu pessoalíssimo francês escreveu um dos primeiros conjuntos de poemas, *Les hommages excessives* [sic] e que em francês depois publicou. O trabalho de Maria Etelvina Santos cumpre ainda assim o que se exige dum tradutor correcto, laborioso e com boas soluções.

Assinale-se que a carta de 21/5/1976 só pode ser de 1973, pois a mãe de Cesariny, falecida em 1974, é referida como viva. Também a carta de 26/6/1980 só pode ser do mês seguinte, pois apenas no meado de Julho o remetente regressou a Lisboa onde a carta foi escrita. Nada disto põe em causa o exaustivo trabalho de edição de Maria Etelvina Santos e Perfecto E. Cuadrado num livro com mais de meio milhar de páginas.

NOTAS

[O Autor segue a antiga ortografia.]

1 *Œuvres complètes*, tomo IV, Paris, Gallimard, 2008, p. 27-43.

2 *Ibid.*, p. 1080-84.

ENSAIO

PORTUGAL FUTURISTA E OUTRAS PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS DE 1917

Coordenação de Ricardo Marques

Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal / 2018

O presente volume, organizado por ocasião da exposição e das jornadas homónimas que tiveram lugar, respectivamente, entre 27 de Setembro e 29 de Dezembro de 2017 e a 7 de Novembro do mesmo ano, consta de sete textos breves, de uma tábua cronológica e do catálogo da referida mostra, e é, até ao momento, o resultado merecedor de maior destaque da colaboração que o seu coordenador vem realizando com a Biblioteca Nacional.

O primeiro texto, «Apresentação», assinado, precisamente, por Ricardo Marques, limita-se a chamar a atenção para a actualidade do Futurismo, na senda de uma recensão publicada por Alberto Pimenta no n.º 71 (Janeiro de 1983) desta revista, e a tentar, na medida do possível, clarificar algumas questões de pormenor, cronológicas e materiais, relativas ao *Portugal Futurista*.

Segue-se-lhe «The Futurist *Serata* at the Teatro República in Lisbon (14 April 1917)», de Günther Berghaus, da Universidade de Bristol, análise dos reflexos em Portugal da teatralidade iconoclasta do Futurismo italiano, decorrente do conceito de «arte-como-acção» («arte-azione»), no *Ultimatum* de Almada», em que explana o facto de, nas publicações estudadas, se verificar uma confusão de termos entre Futurismo, Sensacionismo, Simbolismo, Paùlismo (do verso pessoano «Pauis de roçarem ânsias pela minh'alma em ouro») e, até, aquilo que se pode denominar «anti-ismos». É manifesta, por exemplo, a diferença entre, por um lado, o «não-programa» (chamemos-lhe assim) de Álvaro de Campos e, por outro, Marinetti, com a sua «paixão pela guerra como higiene do mundo, o horror da sentimentalidade, o elogio da força indomável do super-homem» (31), também verificável em *A Arte dos Ruídos: Manifesto Futurista, 1913*, de Luigi Russolo.

Contudo, esse carácter, na sua essência não-programático, teve de compaginar-se com alguns entusiasmos naturais: se Álvaro de Campos «afirma que a escola sensacionista é ele, que ele é o único sensacionista que existe» (*ibid.*), alhures[1], Pessoa escreve: «Desde a data, gloriosa para as nossas letras, em que, com a publicação de *Orpheu*, um oásis se abriu no deserto da inteligência nacional, os Espíritos, a quem Deus concedeu que com a sua sensibilidade espontânea iniciassem o Sensacionismo, vêem, com patriótico agrado, de todos os solos do país, de todos os estratos da cultura, brotar poetas da prosa e do verso, que, levemente uns, vincadamente outros, alguns com consciência, outros como que *malgré eux*, vêm aderir de inspiração aos princípios que constituem a atitude sensacionista. Por toda a parte a sociedade ocultamente constituída pelas inteligências portuguesas vai sendo ensopada em Sensacionismo. Na mocidade que começa a escrever-se, os poucos, que mostram esperanças de dar fruto intelectual, não florescem senão adentro do Sensacionismo».

Isto a propósito de dois livros, de Pedro